

A VISÃO DE HOMEM EM FRANKL

THE VISION OF MAN IN FRANKL

Emiliana Aparecida de Souza | Eliseudo Salvino Gomes
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Resumo: Este estudo objetiva trabalhar o ser humano integral e visa ressaltar esse conceito não reducionista, evitando a divisão. Se o ser humano é visto em partes, não é possível observar sua totalidade, chegando a conceitos contraditórios. Somente quando a pessoa é íntegra, bio-psico-social-espiritual, então, se auto-transcende, torna-se verdadeiramente humana. Ao reduzir o homem apenas a uma dimensão, quer seja ela, biológica, psicológica, social ou mesmo espiritual, as diferenças ficam camufladas e há risco de massificação e de uma visão reducionista de homem. A análise da visão de homem em Viktor Frankl leva a compreensão de que o ser humano é uma unidade apesar da pluralidade. Esta compreensão poderá promover relações interpessoais mais assertivas, onde a pessoa humana é constituída pela materialidade da relação interpessoal, relação com o outro, por ser essa relação integrante de sua própria realidade.

Palavras-chave: Totalidade da pessoa - Ontologia dimensional - Viktor Frankl

ABSTRACT: This work aims to study the whole person and aims to highlight this non reductionist concept, avoiding the division. If the human being is seen in parts, it is not possible to observe a whole, reaching contradictory concepts. Only when a person is healthy, bio-psycho-social-spiritual, transcends itself, becomes truly human. By reducing the man's size to a unic dimension, whether her biological, psychological, social or spiritual, the differences became hidden and there is a risk of mass and a reductionist view of man. The analysis of the vision of man in Viktor Frankl brings the realization that the human being is a unity despite the diversity. This understanding will promote more assertive interpersonal relationships, because the human person is constituted by the materiality of the interpersonal relationship, relationship with others, for being such an integral relationship with his own reality.

Keywords: Person totality -Dimensionontology - Viktor Frankl

Ser humano! O ser humano é um ser essencialmente racional, capaz de pensar ideias. Você já ouviu ou leu algo parecido? Tradicionalmente, o ser humano era conceituado como ser essencialmente racional; tal conceito sofreu uma evolução, a partir das descobertas científicas e tecnológicas. O homem era considerado um ser dotado de corpo e alma, havia um dualismo; o material e o espiritual. Com a modernidade; revolução tecnológica, a sofisticação dos meios de comunicação, os povos se aproximaram, exploraram as artes, forjaram parcerias, apaziguaram diferenças político-ideológicas, e esse fluxo de ideias, pessoas e capitais gerou uma padronização de valores, costumes e princípios que poderá levar o homem contemporâneo a correr o risco de desconhecer sua imagem primeira, pois se encontra ante uma multiplicidade de opções que podem configurar sua vida, embora não seja estas cargas de tensões a comprometer-lo, antes sim, a falta de busca e a luta por um objetivo, uma tarefa escolhida livremente que valha a pena, como diz Frankl (1985):

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”... O uso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche: “*Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como*” (pp. 95-96).

Na Logoterapia, há o pressuposto intransigente de que, não importa qual seja a situação concreta do indivíduo, sempre haverá uma “resposta certa”, sempre se poderá, incondicionalmente, viver com sentido, diante das “perguntas” da vida: “E no fundo estamos convencidos de que não há situação que não encerre uma possibilidade de sentido. Em grande parte esta nossa convicção é tematizada e sistematizada pela Logoterapia” (Frankl, 1981, p. 115). Não podemos, portanto, perguntar pelo sentido, já que este reside na resposta [*verantworten*] que nós temos que dar.

A existência é algo que se constitui e que se pode reler, reorganizar e escolher novamente. Há,

então, uma inquietação com relação à vida no ser humano que, com frequência, pergunta pelo sentido do seu existir. Mais do que existir deve haver um por que existir. Esse porquê existir é que poderá dar base e sustentação para que se suporte a vida em suas incertezas.

É a partir dessa característica do ser humano que se pode conceber o mesmo, então, como um ser espiritual. O termo espiritual aqui não se dirige a algo da sacralidade ou ligado à religiosidade, mas como aquilo que dá ao homem essa capacidade de unicidade e de busca de sentido. Além do biológico, do psíquico e do sociológico, há no humano essa dimensão espiritual: noos, o espiritual refere-se ao noos ou logos (nous) e pode ser chamado de noético. O espiritual vai mais além do religioso ou do supranatural. O noético ou espiritual só pode ser encontrado numa dimensão superior e especificamente humana.

É compreensível que a contemporaneidade necessite de um conceito de ser humano que responda aos seus anseios de profundidade, inclua, além da dimensão biológica e psicológica, a realidade social e a dimensão que aspira ao sentido da vida, a dimensão espiritual; como assinala Frankl (1991): “O homem de hoje conhece a sociedade o fato de possuir instintos, o que temos de mostrar-lhe é que ele possui também espírito – espírito, liberdade e responsabilidade” (p. 116).

A finalidade deste artigo, portanto, é apresentar o ser humano integral visando ressaltar esse conceito não reducionista, evitando assim divisões e reducionismos, se o ser humano é visto em partes, nunca veremos sua totalidade e chegaremos a conceitos contraditórios. Discorrer sobre esse ser humano total, naquilo que ele tem de mais específico, e, para isto, alude à visão teórica do psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, sobrevivente de quatro campos de concentração e que traz uma contribuição relevante na compreensão do ser humano.

A Antropologia e Ontologia Dimensional de Frankl atualmente são mais adequadas a nossa realidade: social, biológica, psicológica e espiritual. O ser humano projetado no plano da Biologia, Psicologia, ou Sociologia, isoladamente, mostra imagens diferentes segundo a dimensão tomada. A projeção, no plano biológico têm por resultado fenômenos somáticos. No plano psicológico apresenta fenômenos psíquicos. E finalmente, no

plano sociológico, fenômenos sociais. Mas à luz da ontologia dimensional, a oposição não se faz na unidade do homem. Somente quando a pessoa se encontra integrada, “bio-psico-sócio-espiritual”, então, é que se auto-transcende tornando-se verdadeiramente humana.

Analisando a visão de homem em Viktor Frankl, compreenderemos que o ser humano é uma unidade antropológica, embora se considerem as diferentes dimensões de tipo ontológico, e esta antropologia pode melhor promover relações interpessoais, reumanizando a ciência em geral e contribuindo intelectualmente para fundamentar trabalhos e projetos nas diversas áreas do saber e da formação humana. Sabe-se que a pessoa humana é constituída pela materialidade da relação interpessoal, relação com o outro, por ser essa relação integrante de sua própria realidade. Também que esse tipo de relação pode contribuir com novas perspectivas de mudança social e individual. Seguindo a Mounier, Salvino (2009) aponta que o ser humano reflete a imagem que se forma a partir de uma complexa rede de relações: relação consigo mesmo, com o cosmo, com os outros e com Deus.

2. O HOMEM CHAMADO FRANKL

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra austríaco, fundador da Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia. Ele nasceu em Viena, Áustria, em 26 de março de 1905, sendo o segundo de três irmãos, filho de pais judeus. Desde pequeno demonstra grande inteligência e sensibilidade, relata que aos quatro anos acordou certa noite sobressaltado com a ideia de que algum dia iria morrer e, desde então, passou a se questionar sobre o sentido da vida e a se interessar por questões filosóficas.

Estudou medicina na Universidade de Viena e especializou-se em neurologia e psiquiatria. Neste tempo, começa a estudar os conceitos psicanalíticos. Por volta dos 18 anos, não estando de acordo com a postura determinista e a visão reducionista do homem segundo Sigmund Freud, resolve manter com o mesmo uma relação de interesse científico, encontrando em Freud estima pelos seus escritos; sendo convidado a publicar seu primeiro artigo na Revista Internacional de Psicanálise. Escreve

trabalho a respeito das relações entre a psicoterapia e a filosofia existencial, assinalando a necessidade de incorporar na terapêutica os aspectos de cunho existencial e filosófico que estão presentes no horizonte do paciente.

Interessando-se mais pela medicina psicossomática, Frankl teve o apoio financeiro do professor de anatomia e membro do conselho de Viena, Julius Tandler, para a fundação de postos assistenciais de ajuda e aconselhamento para a juventude, no intuito de atender os jovens afetados pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial: desemprego, falta de oportunidades, quadros depressivos, tentativas de suicídio. Neste projeto, organizou um programa de aconselhamento tão bem sucedido que aquele ano, pela primeira vez, não ocorreu suicídio de estudantes em Viena. Esse projeto o fez internacionalmente reconhecido.

Ao graduar-se, une-se ao grupo de Alfred Adler, que fundou a segunda escola de psicoterapia vienense, psicologia individual, partindo dos conceitos psicanalíticos, mas levando em conta os aspectos sociais que intervêm no desenvolvimento da personalidade. Para Adler, o ser humano é motivado pela busca de poder movido por um complexo de inferioridade. Não concordando com esse pressuposto e, seguindo seu caminho, Frankl funda a terceira escola de psicoterapia vienense, Logoterapia. Nesta época é nomeado diretor de neuropsiquiatria do hospital Rothschild de Viena. Como neurocirurgião realiza operações cerebrais e como psiquiatra atende todo tipo de patologias, mas por circunstâncias da época, ocupava-se de inúmeros casos de depressão e tentativas de suicídio.

Durante a Segunda Guerra Mundial, é levado aos campos de concentração nazista. Em diferentes campos, morrem seus pais, irmão e cunhada, e sua esposa Tilly, com quem havia se casado fazia nove meses. Todo seu sentido anterior estava perdido nesse momento, mas surge-lhe um novo: sobreviver. Promete a si mesmo que não se acabaria como os demais e se propõe a aprender algo naquele lugar horrível, para depois colocar isto a serviço da humanidade.

Retoma a tarefa de oferecer seus serviços como médico e psicoterapeuta, o que não era nada fácil. Presencia atrocidades, doenças e mortes dia após dia. Apóia-se em vários aspectos para sobreviver (Frankl, 2008):

- a) A experiência do amor. O amor que sentia por sua família e esposa lhe dava a força para continuar lutando. Escreve depois que o amor é a meta mais elevada e essencial a qual se pode aspirar o ser humano. A plenitude da vida humana está no amor e se realiza através dele.
- b) A vivência da natureza. Esperava ansioso o momento do entardecer no bosque – já isso dava sentido a seu dia.
- c) A experiência da arte. Reuniam-se nos poucos momentos livres para recitar poesias, cantar ou recordar peças de teatro.
- d) O sentido do humor. Contavam piadas e riam da alegria que lhes dava ouvir as sirenes que anunciavam bombardeios, já que isso lhes autorizava a interromper o trabalho pesado.
- e) O sentido do passado. Não para ficar neste, mas para poder suportar a pobreza espiritual do aqui e do agora, enriquecendo-o com vivências anteriores.
- f) A vivência da espiritualidade. Orava todos os dias e, quando possível, rezavam em grupo e cantavam os salmos em hebreu. Para Frankl, a oração é um diálogo íntimo com o mais íntimo dos amigos.
- g) A solidão. Esses breves momentos em que podia recuperar algo de sua intimidade e privacidade.

Ao terminar a guerra, Frankl pode constatar novamente que estava destinado a viver para algo. A caminhonete do corpo de resgate suíço fechou suas portas quando já era vez de Frankl subir. Teve que esperar várias horas até que chegasse a próxima, e essa espera lhe pareceu eterna. Porém, quando enfim chegou, soube que a caminhonete anterior era falsa e levava mais judeus à morte. Passaram-se vários meses até que Frankl pôde se recuperar das experiências vividas e perdas e então voltar a trabalhar na Policlínica de Viena. Ali, disse entre lágrimas a várias enfermeiras o que havia sido sua vivência nos campos de concentração.

Originou-se daí uma publicação, inicialmente chamada “Um psicólogo num campo de concentração”, conhecida depois como “O homem em busca de um sentido”, publicada em 18 idiomas. Tal livro é inscrito na biblioteca do Congresso em Washington DC na lista dos 10 livros que mudaram o curso da humanidade. Desde então, decide-se a escrever, a dar conferências, fazer psicoterapia, formar logoterapeutas e transmitir sua mensagem tal como se propôs ao entrar no campo de concentração. Morre em Viena de insuficiência cardíaca, em dois de setembro de 1997. Vive 92

anos muito ativos e cheios de sentido, deixando-nos um legado de amor à vida e esperança no ser humano. Para Frankl, enquanto houver vida e vontade haverá a luz da esperança.

2.1. A TOTALIDADE DA PESSOA

“O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre decide o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios” (Frankl, 2008, p. 112). Ser humano é aquele que por decisão aprende a ser: ecológico, relacional, espiritual, dialógico, intuitivo, emocional, perceptivo, imaginativo, com um destino comum e, até, racional. Os seres humanos, notadamente nos dias de hoje não pode ser reduzido à busca de prazer, tal como ocorria nos tempos de Freud, tampouco pela vontade de poder de Adler, fato hoje largamente estudado pelo campo da psicologia individual, cognitiva e de base behaviorista. O neuropsiquiatra, Viktor Frankl, está longe disso, apostando que a neurose coletiva e as patologias de toda ordem estão relacionadas à falta de sentido e, por ressonância, ao vazio existencial aberto por ela:

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial (Frankl, 1991, p. 155).

A abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia tem por fundamento compreender o homem em sua totalidade. Frankl parte da aceção básica de que o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual, necessitado de liberdade e constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece não ter qualquer significado. Frankl descreve o ser humano como uma unidade múltipla. A pessoa é um ser “único e total” (Xausa, 1988, p.116) e nela estão integradas as dimensões psíquica (anímica), corporal (biológica) e noética.

Segundo Rodrigues e Barros (2009, p.13) a inserção de Frankl no cenário da psicologia social pode ser percebida, entre outros aspectos, através de suas reflexões sobre o caráter missionário de cada ser humano, partindo do entendimento de que cada ser é uma unidade na multiplicidade e um ser que

possui a necessidade de engajamento pessoal na sociedade da qual faz parte, é “*o ser-no-mundo, a descoberta genial de Heidegger*” (2004, p. 26) é o *Dasein*, o homem, o *ser-aí*, imerso em sua existência.

A Logoterapia e Análise Existencial estão fundamentadas no respeito ao ser humano e na sua re-humanização. Segundo Fizzotti (1977), nesse sentido, elas ampliam a visão do ser humano como um ser único, irrepeditível, responsável e capaz de posicionar-se diante dos condicionamentos da vida, justamente porque possui uma dimensão espiritual que comporta as outras dimensões (psicológica, social e física).

2.2. ONTOLOGIA DIMENSIONAL

A ontologia tem como tarefa aproximar-se da realidade em si, ultrapassando os limites e descobrindo as estruturas fundamentais, tendo como objetivo o ser em si, o ser tal como existe. Muito embora a visão do homem em Hartmann e Scheler tenha se desenvolvido em busca de uma compreensão mais humana e existencial, somente Frankl vai-se encontrar esta compreensão total do ser humano. A grandeza do sistema da Logoterapia e da Logoteoria está justamente em constituir, tanto na filosofia quanto na ciência, não só a confluência de linhas que buscaram formar numa perspectiva histórica um esboço da pessoa, mas também em ter colaborado definitivamente para a formulação de uma imagem do homem, mais digna de si. Assim, espera que ao olhar esta imagem ele apreenda seu próprio ser através de sua humanidade.

Tanto a Logoterapia quanto a Logoteoria afirma que somente quando se fala do espiritual é que se começa a falar do especificamente humano, onde se encontra a “pessoa”. A *pessoa* é o centro ativo do ser finito, centro do espírito, mas não existe, só possui existência na livre realização dos seus atos e mediante eles. É que a pessoa não existe senão a título de unidade concreta dos atos que realiza e unicamente na realização desses atos (Costa, 1996, p. 89).

Frankl apresenta um modo dimensional de conceber o homem, propondo o conceito geométrico de dimensões, considerando ter salvaguardado a unidade antropológica sem minimizar as diferenças ontológicas. Nessa perspectiva enuncia duas leis para sua ontologia dimensional:

“A primeira lei é assim formulada: um só e idêntico fenômeno, projetado para fora de suas dimensões em dimensões inferiores às suas, dá origem a figuras diversas em nítido contraste entre elas”. “A segunda lei da ontologia dimensional afirma: (não apenas um só e idêntico fenômeno, mas sim) diversos fenômenos, projetados para fora de suas dimensões, não para dimensões diversas, mas para uma mesma dimensão inferior à própria, dão origem a figuras que não estão em contrastes entre elas, mas parecem ambíguas”.

Frankl, 1990, p.52).

Na perspectiva ontológico-dimensional de Frankl, somente a dimensão espiritual deixa transparecer aquilo que constitui a realidade específica do homem. E somente à luz dessa perspectiva se consegue conciliar a unidade antropológica e a multiplicidade ontológica. Efetivamente, a dimensão superior, a mais abrangente (o espiritual) preserva a unidade sem descuidar das diferenças. Mesmo quando o homem não é um ser exclusivamente espiritual, somente esta dimensão constitui sua humanidade.

2.3. EXISTÊNCIA HUMANA

A existência propriamente humana é existência espiritual, noética. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las. O homem se difere dos animais porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual, dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade, caracterizada justamente pela capacidade de responder, isto é, pela liberdade atuante no momento em que o homem decide responder ou se posicionar diante das circunstâncias presentes no cotidiano.

A modalidade do ser existencial centraliza-se na própria experiência de si mesmo, como pessoa livre e responsável que transcende o próprio isolamento para se expandir, para oferecer e, sobretudo, para oferecer a si mesmo. Só o *Ser-assim* do homem, apesar de seus instintos é uma pessoa espiritual, é portador do *espírito*, “só o homem, enquanto é pessoa, consegue -como ser vivo- alçar-se acima de si e, a partir de um centro que está, por assim dizer, para lá do mundo espaço-temporal,

fazer de tudo, inclusive de si próprio, um objecto do seu conhecimento” (Scheler, 2008, p. 58).

Peter (1999, p. 24-25) relata que no contexto da Logoterapia reconhece-se uma transcendência em dois níveis. Inicialmente, a transcendência considerada como abertura, transcendência “*horizontal*”, onde vemos o mundo e o homem com um conceito de transcendência fundamentalmente imanente. E também a “*vertical*”, a transcendência que se dá no nível superior e só é completa até se tornar abertura radical e total rumo ao significado último e absoluto. Quando Viktor Frankl fala que a existência humana só é autêntica se for vivida em termos de autotranscendência, ele está se referindo à transcendência completa e ao mesmo tempo afirmando que a autotranscendência é a essência da existência:

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado ou à existência de outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa, ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio (Frankl, 1991a, p. 18).

O homem, como ser espiritual, é o ser superior a si mesmo como ser vivo e ao mundo:

A determinação fundamental de um ser “espiritual”, seja qual for a sua constituição psicofísica, é o seu desprendimento existencial do orgânico, a sua liberdade, a possibilidade que ele – ou o centro da sua existência – tem de se separar do fascínio, da pressão, da dependência do orgânico, da “vida” e de tudo o que pertence à “vida” – por conseguinte, também da sua própria “inteligência” pulsional”. O ser espiritual não se encontra sujeito ao impulso e ao meio, ele se encontra “aberto ao mundo” (Scheler, 2008, p.49).

Frankl considera o homem como um ser livre, capaz de se autodeterminar em qualquer situação. Essa liberdade declarada por Frankl ao homem pressupõe uma “*liberdade para*” no intuito de efetivar seu posicionamento no mundo, manifestando, então, a “*irrepetibilidade*” o “*caráter de algo único*” constituinte de cada homem de “entregar-se a uma obra a que se dedica, a um

homem a quem ama, ou a Deus a quem serve.” (Frankl, 1989, p. 45).

Então, falar de existência humana, na dimensão espiritual na visão frankliana é falar, sobretudo do “*ser-responsável*” e do ser humano consciente de sua responsabilidade, de sua missão, onde “a pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma ela poderia aparecer na sua reflexão” (Frankl, 1993, p. 23). Ser responsável e ser consciente se dão simultaneamente nesta realidade de execução de sua tarefa.

Entre o emaranhado de possibilidades que a vida oferece, é preciso escolher e buscar se tornar o humano que se deseja. Para Frankl, a principal preocupação do homem é estabelecer e perseguir um objetivo, e é esta busca que é capaz de dar sentido à sua vida, fazendo para ele valer a pena viver, e não a satisfação de seus instintos e o alívio de tensões como sustenta a psicanálise ortodoxa. Não se trata, portanto, de um sentido para a vida em termos gerais, mas um sentido pessoal para a vida de cada indivíduo, que este escolhe, quando encontrado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estudo do homem enquanto pessoa na visão frankliana, constata-se que a vida humana é concebida, na perspectiva, de que o ser humano é bio-psico-espiritual, um ser único, irrepetível, responsável e capaz de se posicionar diante dos condicionamentos, como uma tarefa ou um dever, no qual cada um é confrontado com uma ação específica no mundo, a sua missão, escolhida livremente, pela qual ele se torna único e insubstituível. E que também é constituído de liberdade, capaz de se autodeterminar em qualquer situação e que a existência humana só é autêntica se for vivida em termos de autotranscendência, considerando aí que a autotranscendência é a essência da existência, da transcendência completa.

A existência humana é, em seu nível mais fundamental, inerentemente relacional. Compreendendo o ser humano como uma unidade apesar da pluralidade, esta compreensão de totalidade do ser humano pode promover relações interpessoais, onde a pessoa humana é constituída pela materialidade deste tipo de relação. Por ser essa relação integrante de sua própria realidade, ela pode contribuir também com novas perspectivas de

mudança social e individual. Também pode contribuir na reumanização da ciência em geral e contribuir intelectualmente para fundamentar trabalhos e projetos nas diversas áreas do saber e da formação humana.

O espiritual, contemplado desde o ângulo de uma antropologia dinâmica, caracteriza-se, em primeiro lugar, pela intencionalidade. O

autodistanciamento de si mesmo enquanto organismo psicofísico é o que constitui, para a análise existencial, a pessoa individual como tal e, este também manifesta sua capacidade de influência na existência. É o próprio homem quem responde por sua conduta humana e pela veemência ou intensidade do instinto: a isto se denomina responsabilidade.

Referências

- Costa, J. S. (1996). *Max Scheler: o personalismo ético*. São Paulo: Moderna.
- Dubois, C. (2004). *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fizzotti, E. (1977). *De Freud a Frankl: interrogantes sobre el vacío existencial*. Pamplona: Universidade de Navarra.
- Frankl, V. (1981). *A Questão do Sentido em Psicoterapia*. 1ª Ed. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papyrus.
- Frankl, V. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (1990). *Logoterapia y Analisis Existencial*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papyrus.
- Frankl, V. (1991a). *Psicoterapia para todos*. (2ª Ed). Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1993). *A presença ignorada de Deus*. (3ª Ed). Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (2008). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Coleção Logoterapia. (25ª Ed). Petrópolis: Vozes.
- Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. São Paulo: Paulus.
- Rodrigues, L. A; Barros, L. A. (2009). *ESTUDOS, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev.*
- Salvino, E. (2009). *Evidencias teóricas y empíricas entre la psicología positiva de Seligman y la psicología humanista-existencial de Frankl*. Tese Doutoral não publicada. Universidad Pontificia de Salamanca-España.
- Scheler, M. (2008). *A situação do homem no Cosmos*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Xausa, I. A. M. (1988). *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes.

Recebido: 12/05/2012

Revisado: 2/08/2012

Aprovado: 22/10/2012

Sobre os autores

Emiliana Aparecida de Souza. Graduada em Letras pela FAFIPA-MG e Pós-graduando em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl pela PUCPR.

Eliseudo Salvino Gomes. Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Master Oficial: Métodos y técnicas de investigación en Psicología, pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2008). Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002). Formação em Logoterapia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1996). Membro do Grupo de Pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS, 2007-2010). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS: Espiritualidade e Sentido. Miembro del Comité Científico de la revista "Foro de Educación -Pensamiento, cultura y sociedad-". Membro do Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Atualmente, Coordenador Técnico e Professor da Pós-Graduação em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl (Pontificia Universidade Católica do Paraná-PUCPR).